

## **ARABISMOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A HERANÇA DA IMIGRAÇÃO**

**Beatriz de Paula Silva\***

**Samantha de Moura Maranhão\*\***

### **RESUMO**

Este breve estudo é parte de uma pesquisa mais ampla realizada na Universidade Federal do Piauí sobre os arabismos próprios do português brasileiro decorrentes da imigração árabe e/ou muçulmana, ininterruptamente verificada a partir de 1860. Tem por objetivo apresentar arabismos coligidos nos três primeiros capítulos da obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, um dos principais nomes da Literatura de Imigrantes produzida no Brasil hoje. Busca responder à questão: “A literatura de imigrantes arabófonos ou de seus descendentes documenta arabismos próprios do PB?” A hipótese testada é a de que a literatura de imigrantes apresenta estrangeirismos árabes em maior número do que empréstimos integrados, em virtude de sua aquisição mais recente. Para melhor descrever o entorno linguístico-cultural de imigrantes árabes e/ou muçulmanos no Brasil, coligiram-se nomes comuns, mas também antropônimos e topônimos de origem árabe, considerando-se, ainda, estrangeirismos e empréstimos em diferentes fases de integração. Apresentam-se os arabismos levantados em verbetes que trazem o termo documentado no *corpus*, informações gramaticais e uma abonação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contato de Línguas. Empréstimos e estrangeirismos. Arabismos portugueses. Portuguêsbrasileiro.

### **ABSTRACT**

This brief study is part of a larger research being made at the Federal University of Piauí about Arabisms found in Brazilian Portuguese due to the Arab and/or muslim immigration regularly happening in Brazil since 1860. This paper aims to show Arabisms found in the three first chapters of the fiction *DoisIrmãos*, written by Milton Hatoum, one of the most important names in Brazilian contemporary Immigrates' Literature. This study aims to answer the question: “Does the immigrates literature produced in Brazil by authors of Arabic and/or muslim roots registerArabisms not found in the Iberian Peninsula?” The tested hypothesis is that such literature has more recent loans than integrated ones, because of their more recent acquisition. To better describe the cultural and linguistic atmosphere of Arab and/or muslim immigrants in Brazil, this research considered common names as well as anthroponyms, and toponyms originated in Arabic, both of earlier and more recent acquisition in Brazilian Portuguese and in different stages of integration to its lexical system. Arabisms are listed here as found in the *corpus*, with grammar information and an example collected inthe text from which they were taken.

**KEY-WORDS:** Language contact. Lexical loans.PortugueseArabisms. BrazilianPortuguese.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo resulta do estudo piloto de uma pesquisa sobre arabismos do português brasileiro realizada na Universidade Federal do Piauí pelas autoras. Incide, especificamente, sobre a herança lexical da imigração árabe e/ou muçulmana, ininterruptamente verificada no país a partir de 1860.

Tem por objetivo analisar arabismos coligidos nos três primeiros capítulos da obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum (2006), um dos principais nomes da literatura de imigrantes produzida no Brasil hoje.

Busca responder à questão: “A literatura de imigrantes arabófonos ou de seus descendentes documenta arabismos próprios do PB?” A hipótese testada é a de que a literatura de imigrantes apresenta estrangeirismos árabes em maior número do que empréstimos integrados, em virtude da sua aquisição mais recente.

Para melhor descrever o entorno linguístico-cultural de imigrantes árabes e/ou muçulmanos no Brasil, coligiram-se nomes comuns, mas também antropônimos e topônimos de origem árabe, considerando-se, ainda, estrangeirismos e empréstimos em diferentes fases de integração.

Apresentam-se os arabismos levantados em verbetes que trazem o termo documentado no *corpus*, informações gramaticais e uma abonação.

Sobre as conclusões, antecipa-se que, embora a maioria dos arabismos documentados no *corpus* seja herança do português europeu, e, portanto, esteja disponível em seu sistema lexical há muito tempo, verificam-se ainda usos próprios do português brasileiro, como *teque-teque*, variante de *tereque*, de *t(a)reco*, ou formas não dicionarizadas, a exemplo do condimento *zatar*. Refutou-se, assim, a hipótese testada, de que estrangeirismos árabes estariam melhor representados na literatura de imigrantes face aos empréstimos integrados, constituindo aqueles apenas 6,8% dos 74 arabismos levantados.

## 2. ARABISMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA E DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Consideram-se arabismos da língua portuguesa vocábulos de origem imediata árabe, a exemplo de *açude*, *andaime* e *tabefe*, ou nela introduzidos por meio da língua árabe, embora originados em outras línguas, como o grego, o persa e o

sânscrito, que legaram-nos, a título de exemplo, respectivamente, os vocábulos *talismã*, *pijama* e *laranja*. São arabismos, ainda, vocábulos originados na língua árabe, mas introduzidos na língua portuguesa por uma língua-ponte, românica ou não, qual o francês e o italiano, que intermediaram a introdução de *huri* e de *arsenal*, mas também o turco e o hauçá, por meio das quais chegaram-nos *pijama* e *lemão* (MARANHÃO, 2011).

Também se incluem entre os arabismos, formas desenvolvidas, já na língua portuguesa, a partir destes vocábulos, por meio de recursos como a derivação – como *tarifação*, *tarifaço*, *tarifar* e *tarifário*, a partir de *tarifa*, ou *descafeinação*, *descafeinado*, *descafeinador*, *descafeinante*, *descafeinar*, *descafeinável*, *descafeinização*, *descafeinizado*, *descafeinizador*, *descafeinizante*, *descafeinizar*, *descafeinizável*, derivados de *caféina*, por vezes derivado de *café* – e a composição, a exemplo de *café-concerto* (MARANHÃO, 2011).

Arabismos são, de resto, estrangeirismos árabes, mais recentemente adquiridos e cuja adaptação incipiente se reflete na falta de normatização gráfica, quanto ao uso de hífen entre o artigo árabe *al* e o substantivo ou quanto à preservação da inicial maiúscula. Encontram-se, deste modo, as formas coocorrentes *hamasianos*, *hamasiana*, *Hamasiana*, derivados da designação do movimento islâmico palestino *Hamas*, ou *al-Qaedaiano*, *Al-Qaedaianos*, *Al-Qaedaiana*, em referência à organização fundamentalista islâmica internacional *Al-Qaeda* (MARANHÃO, 2011).<sup>1</sup>

Verificou-se o contato entre a língua portuguesa e a língua corânica em diferentes momentos da sócio-história daquela: 1. na Idade Média ibérica, quando a duradoura presença árabe ou arábica na situação de dominação política de parte do território peninsular e o consequente prestígio da cultura árabe-islâmica na região promoveram a transmissão direta de numerosos empréstimos; 2. em

---

<sup>1</sup>Todos os exemplos foram encontrados em pesquisas por derivados de nomes de grupos políticos árabes no Google em 15 de novembro de 2010: “malucos *hamasianos* em Gaza” (<http://blogs.estadao.com.br/gustavo-chacra/construcoes-em-colonias-judaicas-desresp/>); “matemática *hamasiana*” (<http://blogs.estadao.com.br/gustavo-chacra/israelenses-e-palestinos-se-sentem-mais/>); “radicalidade *Hamasiana*” (<http://www.guiame.com.br/v4/42956-1692--quot-Filho-do-Hamas-quot-que-se-tornou-evang-lico-define-Cor-o-como-um-livro-do-ente.html>); “comunista árabe *al-Qaedaiano*” (<http://hariprado.wordpress.com/2010/03/26/amigo-de-lula-ameaca-o-mundo-com-uma-guerra-nuclear/>); “Twisteiros xiitas e *Al-Qaedaianos*” (<http://www.forumnow.com.br/vip/mensagens.asp?forum=94106&grupo=178842&topico=2917269&pag=7&v=1>); organização *Al-Qaedaiana* chamada APEOESP. (<http://hariprado.wordpress.com/2010/05/09/grande-homem-bom-indicara-o-vice-de-jose-serra/>).

decorrência das migrações promovidas pelo processo da Reconquista, colocando em contato cristãos e populações muçulmanas ou arabizadas e 3. Por meio da transmissão intrarromânica, a partir de línguas em que os arabismos abundassem (NEUVONEN, 1951, p. 291-292). Deste período resulta a importação de vocábulos dos mais diversos campos semânticos, quais o das ciências (*álcool, achaque, alquimia, cifra, elixir, enxaqueca, nuca e zero*), o da administração (*aduana, alfândega, almoxarifado, tara, tarifa*), o da agricultura (*alfafa, alface, ceifa, laranja, limão, safra*), o da alimentação (*almôndega, cuscuz, escabeche, sumo*, inclusive os utensílios *garrafa, garfo, e taça*) e da habitação (*alcova, almofada, alpendre, divã, saguão, sofá*).

Posteriormente, a expansão ultramarina portuguesa levou ao contato português-árabe na África e na Ásia, com o conseqüente enriquecimento lexical do português (TEYSSIER, 2001, p. 22) e os desdobramentos da história do Brasil promoveram pelo menos dois momentos de contato intercomunitário português-árabe: 1. o da importação de mão-de-obra escrava islamizada, proveniente da África Ocidental, e 2. o da imigração sírio-libanesa (VARGENS, 2007, p. 35).

A chamada via brasileira de ingresso de arabismos na língua portuguesa ainda não foi suficientemente estudada, cabendo, ainda, a realização de pesquisas sociolinguísticas, na esteira de investigações antropológicas, sociológicas ou históricas sobre a presença de imigrantes árabes, muçulmanos ou não, no Brasil, e sua interação com a sociedade receptora.

Por um lado, cabe retomar o prestígio e o conhecimento da língua árabe da parte de afro-muçulmanos trazidos para o Brasil na condição de escravos, a partir, por exemplo, da análise da documentação remanescente nos arquivos públicos baianos ou dos empréstimos árabes na línguas africanas introduzidas no Brasil ou, ainda, em testemunhos da cultura popular, quais cantigas e narrativas orais (MARANHÃO, 2010a), uma vez que a literatura especializada em arabismos documenta exclusivamente a introdução de terminologia islâmica por meio da escravidão afro-muçulmana (*jihad, lemano, mussurumim, tecebá*) (VARGENS, 2007, p. 35).

Por outro lado, é preciso, para caracterizá-la com mais precisão, subdividir a fase da imigração árabe e/ou arabófona, considerando-se dois momentos, o primeiro dos quais com o de predomínio de imigrantes cristãos e o segundo momento, em que os muçulmanos constituem a maioria. A duração e o grau de integração dos

imigrantes com a sociedade receptora, a extensão e atividade da “rede de imigração”, constituída por parentes e amigos, e que promove deslocamentos regulares e a realização de casamentos intraétnicos, facultando a preservação do árabe clássico (e padrão) do Corão e o ininterrupto contato com dialetos árabes, são importantes fatores extralinguísticos a serem considerados (MARANHÃO, 2010b). Desta imigração, a literatura especializada registra como única contribuição lexical pouco mais de uma dezena de termos da culinária (*babaganuche, esfiha, mijadra, quibe, tabule, tahine*), que estudos mais recentes apontam ultrapassarem duas centenas (VARGENS, 2007, p. 35; ABREU, 2005). Somente após se realizarem novas investigações poder-se-á conhecer se há, no português brasileiro, arabismos herdados da imigração árabe e/ou muçulmana em outros campos semânticos além do da culinária (MARANHÃO, 2010b).

A literatura de Milton Hatoum testemunha a presença árabe na região Norte do Brasil. Nascido o próprio autor em Manaus em 1952, filho de pai libanês e de mãe brasileira descendente de libaneses, conviveu com a comunidade árabe local até os 15 anos, quando se mudou para Brasília. Sua obra é constituída de quatro romances premiados (*Relato de um Certo Oriente*, 1989; *Dois Irmãos*, 2000; *Cinzas do Norte*, 2005 e *Órfãos do Eldorado*, 2008) e de um livro de contos (*A Cidade Ilhada*, 2009), em que Hatoum correlaciona lembranças pessoais à sócio-história de Manaus e do Oriente Médio.

O romance *Dois Irmãos*, por exemplo, descreve a vida de uma família libanesa em Manaus: pai comerciante libanês, mãe filha de libaneses, três filhos brasileiros em contato intenso com a cultura médio-oriental de origem da família, como a língua. Um dos filhos, com efeito, passa 05 anos no Líbano durante a adolescência. Testemunham-no os antropônimos e os topônimos citados no romance, assim como o uso frequente de vocábulos e expressões árabes no texto. O pai, muçulmano, converte-se ao catolicismo, professado pela esposa, constituindo a prática do cristianismo um fator de integração dos libaneses e dos sírios à sociedade brasileira, o que teria concorrido para o apagamento da língua e da cultura árabes entre os imigrantes arabófonos oriundos destas regiões (MONTENEGRO, 2002, p. 64).

Observa-se, assim, estreita correlação entre os usos linguísticos do autor e o universo sócio-cultural reportado na obra, o que fundamenta o projeto de se

identificarem arabismos do português brasileiro por meio da literatura de imigrantes, qual a produzida pelo brasileiro de origem libanesa Milton Hatoum.

### 3. METODOLOGIA

Para conhecer a contribuição lexical dos imigrantes arabófonos ao português brasileiro, recorreu-se à obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, publicada pela Companhia das Letras em 2006, por tratar-se de representante da literatura de imigrantes de origem árabe.

Como estudo piloto, coligiram-se os arabismos documentados nos três primeiros capítulos da referida obra, em um total de 53 páginas. A origem árabe dos termos levantados foi corroborada pelo seu registro nas obras *Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Iberorromance* (CORRIENTE, 2003) e no *Lexico Português de Origem Árabe: Subsídios para Estudos de Filologia* (VARGENS, 2007), produtos lexicográficos especializados no tema dos arabismos e de publicação mais recente que trazem informações etimológicas revistas, face a dicionários gerais ou a dicionários de arabismos mais antigos.

Levantaram-se no *corpus* nomes comuns, antropônimos e topônimos de origem árabe, listados, separadamente, na seção seguinte deste estudo. Consideraram-se igualmente formas adquiridas mais cedo pela língua portuguesa e, portanto, mais acomodadas às suas regras (empréstimos) e termos de aquisição mais recente e, por isso mesmo, mais próximos, estruturalmente, na fonologia, na morfologia e na grafia, do étimo árabe (estrangeirismos).

Apresentam-se os nomes comuns em ordem alfabética, no masculino singular, para substantivos e adjetivos, ou no infinitivo, no caso de verbos. Quando estas formas não estão documentadas no *corpus*, aparecem entre colchetes na entrada do verbete. Este traz o termo documentado no *corpus* e uma abonação, que não é exaustiva, restringindo-se antes à primeira ocorrência dos arabismos no texto de que foram extraídos.

#### 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Seguem as listas de termos levantados no *corpus*, os três primeiros capítulos da obra *Dois Irmãos* (HATOUM, 2006). Apresentam-se os antropônimos encontrados, que permitem conhecer os nomes próprios e, por vezes, também os sobrenomes de imigrantes e de seus descendentes aqui no Brasil, seguidos dos topônimos, que remetem ao Oriente Médio abandonado, e, por fim, os nomes comuns:

##### ANTROPÔNIMOS

Abbas	Omar	ZahiaTalib
Cid Tannus	Rânia	Zana
Galib	Sultana Benemou	Zoraier
Halim	Talib	
NahdaTalib	Yaqub	

##### TOPÔNIMOS

Biblos	JabalLaqlouq	Líbano
JabalHaous	Jabal al Qaraqif	

Quatro das localidades citadas no *corpus*, uma cidade e três acidentes geográficos, estão situadas no Líbano.

##### NOMES COMUNS

[Acepipe] – s.m. “Ele festejava a volta cozinhando **acepipes** amazônicos (...).” p. 42.

[Açougue] – s.m. “(...) acotovelando-se diante dos **açougues** e empórios (...).” p. 18.

[Açucena] – s.f. “(...) o cheiro das **açucenas**-brancas.” p. 09

[Afago] – s.m. “Mas ela não cessou os **afagos** (...).” p. 13.

Alarde – s.m. “Assim, sem **alarde**, quase em surdina, o jovem professor Yaqub noticiou seu ingresso na Universidade de São Paulo.” p. 44.

Alaúde – s.m. “(...) tocando o **alaúde** só para ela.” p. 41.

Alcova – s.f. “(...) entravam quase nus na **alcova** aromada por orquídeas brancas.” p. 49.

Aldeão – s.m. “O pastor, o **aldeão** apavorado na cidade?” p. 26.

Aldeia – s. f. “(...) não tem escola na **aldeia** da tua família.” p. 12.

Alforria – s.f. “Eu ia conseguir isso: (...) minha **alforria**.” p. 30.

Algaravia – s.f. “Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa **algaravia** surgiam histórias que se cruzavam (...).” p. 36.

Algodão – s.m. “Às vezes, trocava víveres por tecido encalhado: morim ou **algodão** esgarçado (...).” p. 18.

Almofada –s.f. “Halim leu e releu os versos romados: (...) amada com **almofada**.” p. 37.

Alpendre – s. m. “Perto do **alpendre** (...).” p. 09.

Alpercata – s.f. “(...) deixava as **alpercatas** e o roupão nos degraus (...).” p. 49.

Alquimia – s.f. “(...) esquecido da **alquimia** da noite.” p. 26.

Alvorço – s.m. “(...) a voz de Abelardo abafou o **alvorço**.” p. 22.

[Anil] – s.m. “(...) o bafo de **anis** na boca (...).” p. 51.

Anta – s.f. “(...) não se deve (...) comer como uma **anta** (...).” p. 12.

Árabe – s.m. “(...) perguntou em **árabe**.” p. 10.

Arak – s.m. “(...) retirava do bolso a garrafinha de **arak** (...).” p. 37.

Arraial – s.m. “(...) as meninas (...) dos **arraiais** suspiravam.” p. 24.

Arroz – s.m. “(...) disputando (...) um pacote de **arroz** (...).” p.18.

[Azeitona] – s.f.“(...) recheava-o com farofa e **azeitonas** (...).” p. 36.

Azul – s.m. “ (...) rasgando a farda **azul** (...).” p. 27.

Azulado –s.m. “(...) inertes como uma pintura em fundo **azulado** (...).” p. 16.

Baba – s.m“(...) e ele, o filho, perguntou: **Baba?**” p. 11.

Berinjela –s.f “(...) beliscava (...) uma **berinjela** recheada (...).” p. 37.

Café –s.m. “(...) disputando (...) um pacote de **café** (...).” p.18.

Enxadrista s.m. – “(...) o **enxadrista** que no sexto lance decidia a partida (...).” p. 25.

Façanha – s.f. “(...) era uma **façanha** para poucos.” p. 30.

Farda – s.f. “(...) vestindo a **farda** engomada por Domingas (...).” p. 27.

Fardado – s.m. “(...) saía para a noite, **fardado** (...).” p. 26.

Farra – s.f. “O corpo participava de um jogo entre a inércia da ressaca e a euforia da **farra** noturna.” p. 46.

Garrafa – s.f. “(...) e o estouro de uma **garrafa** estilhaçada (...).”; “(...) retirava do bolso a **garrafinha** de arak (...).” p. 38.

Gazal – s.m. “(...) Abbas sugeriu que desse a Zana um **gazal**, não um chapéu.” p. 37.

Gazela – s.f. “(...) acompanhando o olhar com os passos da **gazela**.” p. 37.

Gergelim – s.m. “(...) servia-o com molho de **gergelim**.” p. 36.

Giz – s.m. “(...) para quem o **giz** e o quadro-negro eram inúteis.” p. 26.

La – adv. “**La**, não, mama.” P.14.

Lacrau – s.m. “Cara de **lacrau**, diziam-lhe na escola.” p. 23.

Maometano –s.m. “(...) ele era um mascate, um teque-teque qualquer, um rude, um **maometano** das montanhas do sul do Líbano que (...) matraqueava nas ruas e praças de Manaus.” p. 40.

[Maronita] –s.f. As cristãs **maronitas** de Manaus (...) não aceitavam a ideia de ver Zana casar-se com um muçulmano.” p. 40.

[máscara] – s.f. “(...) no meio de tantas cores e das **máscaras** ele viu as tranças (...)” p. 15.

[Mascarado] – s.m. “(...) odiei as músicas daquela noite, os **mascarados**, e odiei a noite (...)” p. 16.

[Mascate] – s. m. “(...) os clientes do restaurante: **mascates** (...)” p. 36.

Mascatear – v. “(...) só parava de **mascatear** por volta das oito da noite.” p. 38.

[Matraca] –s.f. “Calei aquelas **matracas** (...)” p. 41.

[Matraquear] – v. “(...) ele era um mascate, um teque-teque qualquer, um rude, um maometano das montanhas do sul do Líbano que (...) **matraqueava** nas ruas e praças de Manaus.” p. 40.

Muçulmano –s.m. “As cristãs maronitas de Manaus (...) não aceitavam a ideia de ver Zana casar-se com um **muçulmano**.” p. 40.

Narguilé – s.m. “(...) onde Halim largava o **narguilé** (...)” p. 09.

Nuca – s.f. “(...) e a mãe acariciando-lhe a **nuca** (...)” p.16.

Osga – s.f. “(...) embranquecia feito **osga** em parede úmida (...)” p. 26.

Papagaio –s.m. “(...) saltar para pegar a linha ou a rabiola de um **papagaio** que planava lentamente.” p. 15.

Pijama – s.m. “Estava descalço, de **pijama** (...)” p. 52.

Quintal – s.m. “(...) até se perder no **quintal**.” p.09.

Quiosque – s.m. “(...) perto de um **quiosque** do Mercado Municipal.” p. 52.

- Ra'í – s.m. “(...) Meu filho vai voltar um matuto, um pastor, um**ra'í**.” p. 12.  
 [Rondar] – v. “(...) **rondava** a intimidade de todos.” p.26.  
 Sofá – s.m. “Ela imaginava o **sofá** cinzento na sala (...)” p. 09.  
 Sufi –s.m. “Pareci um **sufi** em êxtase (...)” p. 39.  
 Sultanibrahim – s.m. “(...) Galib levava o seu peixe preferido, o **sultanibrahim**, que temperava com uma mistura de ervas (...)” p. 47.  
 Surata – s.f. “(...) lia como quem lê um salmo ou uma **surata** (...)” p. 44.  
 Surrado – adj. “Ele carregava um farnel de lona cinza, **surrado** (...)” p. 11.  
 Tabaco – s.m. “Ele abanava o **tabaco** do narguilé (...)” p. 42.  
 Tagarela – adj. “(...) nunca foi **tagarela**.” p. 25.  
 Tambor – s.m. “Ouviram o rufar dos **tambores** (...)” p. 31.  
 [Tamborilar] – v. “Yuqub, calado, (...) **tamborilava** na madeira (...)” p. 18.  
 Tara – s.f. “Parece que toda a **tara** do corpo deles aparece nessa hora.” p. 47.  
 Taule –s.m. “Convidava os amigos para partidas de gamão, o **taule** (...)” p.43.  
 Teque-teque – s.m. “(...) ele era um mascate, um **teque-teque** qualquer, um rude, um maometano das montanhas do sul do Líbano que (...) matraqueava nas ruas e praças de Manaus.” p. 40.  
 Xeque-mate – s. m. “(...) anúncio do inevitável **xeque-mate**.” p. 25.  
 Yaharamash-shum – expr. “Coitado! **Yaharamash-shum!** (...)” p. 19.  
 Zatar<sup>2</sup> – “Havia outros condimentos, hortelã e **zatar**, talvez.” p. 47.

Foram identificados 74 arabismos nos três primeiros capítulos de *Dois Irmãos* (HATOUM, 2006), o que equivale a uma média de 1,4 arabismos por página. Destes, quatro são formas árabes e um se trata de uma expressão árabe, destacados com tipo gráfico especial (itálico) pelo próprio Milton Hatoum.

Quadro 01 – Estrangeirismos árabes verificados no *corpus*.

<b>Estrangeirismo</b>	<b>Classe de palavra</b>	<b>Significado em português</b>	<b>Observação</b>
<i>Baba</i>	Substantivo	‘papai’	linguagem familiar
<i>La</i>	Advérbio	‘não’	advérbio de negação
<i>Ra'í</i>	Substantivo	‘pastor’	

<sup>2</sup> A ocorrência de *zatar* no *corpus*, desacompanhada de determinantes (artigos, pronomes possessivos ou demonstrativos, por exemplo), não permitiu identificar o gênero com que o autor emprega o termo.

<i>Taule</i>	Substantivo	‘jogo de tabuleiro’	
<i>Yaharamash-shum!</i>	Locução interjectiva	‘Que pecado!’	
<b>Total</b>	<b>05</b>	---	---

Entretanto, outros arabismos demandam considerações à parte: a designação de um tipo de peixe constituída do título *sultan* e do nome próprio *ibrahin*, ambos nas formas fonética e gráfica originais, ainda que não identificada como estrangeirismo pelo autor (HATOUM, 2006, p. 47).

A forma *arak*, ‘aguardente de uva ou de arroz fermentados’, que encontra na língua portuguesa as variantes fonéticas e gráficas *araca*, *araque* e *áraque* (VARGENS, 2007, p. 131), próprias de itens lexicais em processo de integração, constitui, ao mesmo tempo, segundo o Dicionário Michaëlis da língua portuguesa (1998, p. 202), o núcleo da expressão *de araque*, ‘falso, insignificante, sem valor’, como em *cozinheiro de araque*, em evidente processo de aquisição de novos significados, típico de empréstimos integrados.

A forma *zatar* não está documentada nos dicionários gerais brasileiros *Dicionário Michaëlis da Língua Portuguesa* (1998), *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* (1998), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), nem no *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007). Entretanto, a forma *zatar* consta na dissertação de mestrado intitulada *Um Estudo Terminológico Monolíngue do Vocabulário da Culinária Árabe*, de Maria Youssef-Abreu (2005), no campo semântico dos condimentos.

Muito interessante é o termo *teque-teque*, ‘traste’, provavelmente uma variante expressiva de *tereque*, dicionarizada como variante do português americano de *t(a)reco* (CORRIENTE, 2003, p. 454), o que denota um uso bastante particular do referido arabismo.

Os demais arabismos são formas de antiga integração na língua portuguesa, ratificada pela ocorrência dos derivados *azulado*, *enxadrista*, *maometano*, *maronita*, *mascatear*, *matraquear*, *rondar* e *tamborilar*, bem como da conotação sexual do termo *tara*, inicialmente ‘desconto da medida do recipiente’, provavelmente por metáfora, pela fuga aos padrões normais de comportamento (HOUAISS, VILLAR, 2001).

Quadro 02 – Estrangeirismos e empréstimos árabes verificados no *corpus*.

<b>Arabismos</b>	<b>Número de Itens lexicais</b>	<b>Percentual de Itens lexicais</b>
<b>Empréstimos</b>	69	93,2
<b>Estrangeirismos</b>	05	6,8
<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>100</b>

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a questão norteadora deste estudo-piloto, concernente à possibilidade de a literatura de imigrantes arabófonos ou de seus descendentes documentar arabismos próprios do português brasileiro, a análise dos dados apontou que, embora a maioria dos arabismos documentados no *corpus* seja, efetivamente, de antiga integração na língua portuguesa, registram-se usos particulares do português brasileiro, a exemplo do expressivo *teque-teque*. Há, ainda, formas não dicionarizadas pela lexicografia brasileira, como *zatar*. Evidencia-se, assim, que os arabismos portugueses, apesar de sistematicamente tornados objeto de investigações no quadro da Filologia Árabo-Românica, ainda suscitam discussões e demandam a atenção dos pesquisadores.

A hipótese testada, de que a literatura de imigrantes apresenta estrangeirismos árabes em maior número do que o de empréstimos integrados, em virtude da sua aquisição mais recente, foi, assim, refutada, tendo em vista a participação de apenas 6,8% de estrangeirismos do total de 74 arabismos levantados.

Os arabismos são empregados em virtude da sua disponibilidade na língua, na designação de termos cotidianos, como *açougue*, *afago*, *algodão*, *façanha*, mas também por designarem particularidades do mundo árabe, a exemplo de *arak*, *gazal*, *narguilé*, *surata*.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Y. **Um estudo terminológico monolíngüe do vocabulário da culinária árabe.**(Dissertação de Mestrado). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005.
- CORRIENTE, F. **Diccionario de arabismos y voces afines en iberorromance.** 2. ed. ampl. Madrid: Gredos, 2003. [Biblioteca Románica Hispánica, Fundada por Dámaso Alonso, Diccionarios, 22]
- HATOUM, M. **Dois Irmãos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MARANHÃO, S. de M. **O registro de arabismos na versão eletrônica dos dicionários DicmaxiMichaëlis: o Dicionário da Língua Portuguesa, Novo Aurélio Século XXI: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa e Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** (Tese de Doutorado). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2011.
- MARANHÃO, S. de M. O contato português-árabe no Brasil: um objeto à espera de investigação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGÜÍSTICA, 1., 2010. São Luís: **Anais...** No prelo.
- MARANHÃO, S. de M. O contato português-árabe na Bahia escravagista: sócio-história e consequências linguísticas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL ACOLHENDO AS LÍNGUAS AFRICANAS, 3, 2010. Salvador: **Anais...** No prelo.
- MONTENEGRO, S. M. Identidades muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e a islamização. **Lusotopie**, v. 2, p. 59-79, 2002.
- NEUVONEN, E. K. Los arabismos de las Cantigas de Santa María. **Boletín de Filología**, 12, p. 291-352, 1951.
- TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa.** Trad. por Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 43-44.
- VARGENS, J. B. de M. **Léxico português de origem árabe:** subsídios para os estudos de filologia. Rio Bonito: Almadena, 2007.

---

\* **Beatriz de Paula Silva** é estudante do curso de Letras Português-Francês da Universidade Federal do Piauí desde 2010 e pesquisa a influência do árabe na língua portuguesa. Contato: beatriz.dpaula@hotmail.com.

\*\* **Samantha de Moura Maranhão** é professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal do Piauí. Mestre em Filologia Românica pela Universidade Federal da Bahia e doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, dedica-se ao estudo dos arabismos românicos há 02 décadas. Contato: samantha.ufpi@gmail.com.